

Realização:



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal
Ministério da Agricultura, Pecuária e do Abastecimento
Rua 21 de setembro, 1880 - Caixa Postal 109
CEP 79320-900 - Corumbá-MS
Fone (067) 233-2430 Fax (067) 233-1011
<http://www.cpap.embrapa.br>
email: sac@cpap.embrapa.br

Ministério da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento



Parceria:



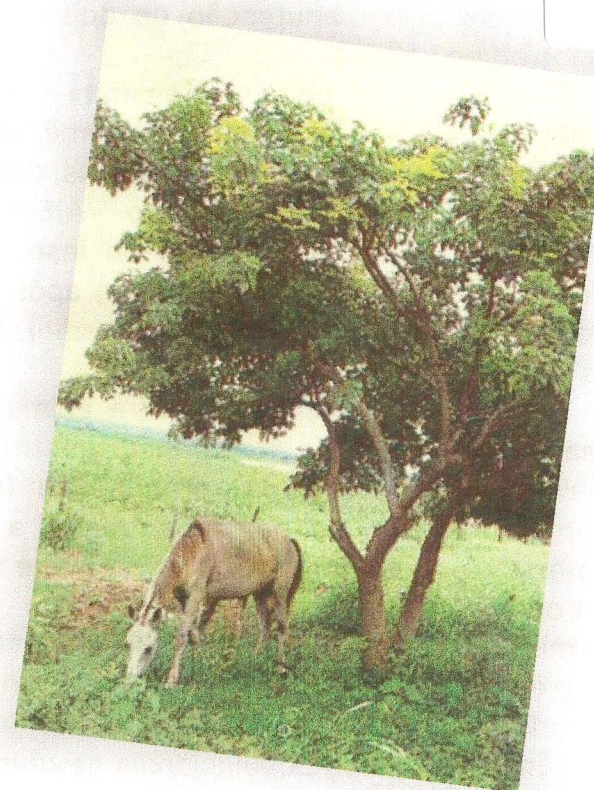
SINDICATO RURAL
DE MIRANDA
E BODOQUENA

Texto: Antonio Thadeu M. de Barros
Fotos: Embrapa Pantanal/
Antonio Thadeu M. de Barros
Roberto Aguilar M.S.Silva

Tratamento de Ilustrações: Rosilene Gutierrez
Editoração Eletrônica: Rosilene Gutierrez

Folder nº 49
Tiragem: 100 exemplares
Corumbá/MS
Agosto, 2004

TRANSMISSÃO MECÂNICA DO VÍRUS DA ANEMIA INFECCIOSA EQUINA (AIE) POR VETORES



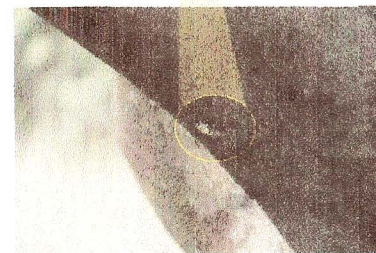
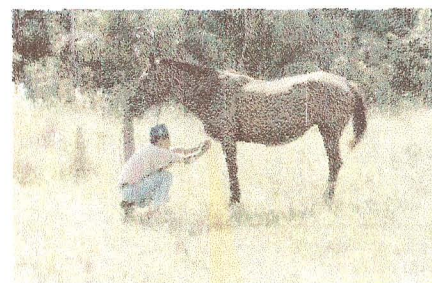
Transmissão Mecânica do Vírus da AIE por Vetores

A transmissão do vírus da Anemia Infecciosa Equina (VAIE) está principalmente relacionada à transferência de sangue de um cavalo infectado a um sadio. Ao realizar um manejo inadequado, o homem pode tornar-se o principal componente nesta cadeia de transmissão, expondo animais sadios a utensílios contaminados (principalmente agulhas e seringas). Na ausência do homem, os insetos hematófagos (particularmente as mutucas) são os responsáveis pela manutenção da doença na natureza, atuando como vetores.

As mutucas podem transmitir vários agentes patogênicos à animais silvestres e domésticos, incluindo bactérias, protozoários, helmintos e vírus, dentre os quais o VAIE. A transmissão mecânica do VAIE pelas mutucas ocorre a partir da contaminação do inseto durante sua alimentação em um animal infectado; após interromper a alimentação passam a outro animal (sadio), transferindo o vírus a este novo hospedeiro.

O risco de transmissão entre animais positivos e animais sadios aumenta principalmente com a prevalência da doença na propriedade (quanto maior o número de animais positivos, maior a chance de transmissão), a abundância dos vetores e a proximidade entre os animais. Outros fatores podem influenciar a transmissão mecânica do vírus, particularmente o estado clínico e o título (quantidade) do vírus no sangue do animal infectado.

Em geral, picos populacionais de mutucas ocorrem próximo ao início das chuvas, sendo o período chuvoso o de maior abundância destes insetos na região. Embora a maioria das espécies ocorra durante todo o ano, a maior abundância de mutucas na primavera indica ser este o período de maior risco de transmissão do VAIE.



Em 1990, a Embrapa Pantanal iniciou um programa de estudos visando prevenir e controlar a AIE na região pantaneira. Os estudos relativos aos vetores incluíram a identificação das espécies de mutucas e sua ocorrência ao longo do ano, aspectos da interação vetor-hospedeiro e transferência entre animais.

No Pantanal, mais de 20 espécies de mutucas atacam eqüídeos e são vetores potenciais do VAIE. Variações estacionais influenciam as populações e refletem no surgimento de doenças.

Não existem métodos práticos e eficazes de controle das mutucas. Assim, o risco de

transmissão mecânica por esses vetores pode apenas ser minimizado separando-se os animais positivos e negativos.

Estudos sobre a transferência das mutucas entre eqüinos demonstraram que este deslocamento é inversamente proporcional à distância entre os animais, ou seja, quanto maior a distância menor a transferência. O distanciamento de eqüinos positivos e negativos a uma distância mínima de 200 metros estabelece uma adequada margem de segurança com relação ao risco de transmissão do VAIE por esses vetores.

